



Beto Muleta Não, Beto Joia

MAGNA CAMPOS

2ª Edição Revista



Magna Campos

**Beto Muleta não,
Beto Joia**

2ª Edição Revista

Mariana-MG

2019

Magna Campos

**Beto Muleta não,
Beto Joia**

Arte e edição: M. Campos

2ª Edição Revista

Mariana-MG

2019

Ficha Catalográfica

CAMPOS, Magna.

Beto Muleta não, Beto Joia. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2019.

2ª Edição Revista. 45 p.

ISBN: 978-85-5464-020-0

Literatura infanto-juvenil

Literatura Brasileira

E-book pdf



Sobre a autora

Magna Campos é nascida em Santa Rita de Ouro Preto, Distrito de Ouro Preto-MG. Mudou-se para Mariana, também em MG, quando ainda era adolescente, e lá reside até hoje. É graduada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e, atualmente, cursa Metodologias Ativas para Educação nesta mesma Instituição. É Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João Del-Rey (UFSJ) e Professora Universitária na área de Linguagem e de Metodologia. Escritora e membro da Academia de Letras, Artes e Ciências (ALACIB-Mariana), Magna Campos é autora de livros de Literatura Infantil, entre eles *Cutrica e Futrica e a Festa no Pé de Pitanga*; *A Minhoca Biloca*, *Bicho Nina*, *Meu Bichão*; *Cof... Cof... Atená* e *Mixuruca* e, também, de livros e manuais acadêmicos.



Apresentação

Esta história foi escrita em 2002 e publicada em 2003, na 1ª edição do livro. Agora, ela chega com uma nova roupagem em sua edição digital, no formato de e-book!

Assim, como na 1ª edição, dedico este livro a todos os meus sobrinhos:

Ana Carolina, Maria José, Antônio, Júnio, e, também ao Mozart, que ainda não era nascido à época.

E a todos os meus ex-alunos do tempo que eu lecionava com grande alegria na Educação Infantil.



Agradecimento Especial

Ao casal Donadon (*Andreia Donadon-Leal e J. B. Donadon-Leal*),
pelo apoio na materialização desta publicação.

E a sempre *minina*, que mora em meu coração, e me instiga a
escrever com leveza e simplicidade!





Era bem cedinho
Quando o galo cantou
Parecia dizer: acorda, pessoal! A
noite já acabou!

Dona Rosa saltou da cama,
Calçou os velhos chinelos e
Caminhou para o quarto de seu
filho:

_ Acorda, Beto, tá na hora de
levantar.

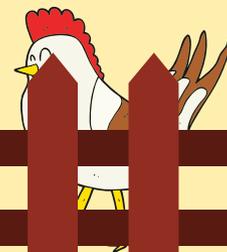


Aquele era um dia muito especial:
Beto ia começar a frequentar a escola.



Ah! O primeiro dia de aula ninguém esquece.
Dá um frio na barriga, não é verdade?
Mas Beto não estava com medo,
Estava era muito curioso, doidinho para conhecer
As outras crianças que lá estudavam.

Beto se sentia muito sozinho na fazenda,
pois lá vivia apenas com sua mãe – Dona Rosa –
Seu pai – Nhô Chico – e o velho empregado – Seu Custódio.



Os únicos amigos que Beto tinha eram: a gata Ximbica, o cachorro chamado Duque e a coelhinha Filomena, que vivia comendo as plantas da horta.

É claro que, na fazenda, havia outros bichos, mas esses três eram os que Beto mais gostava.



Depois de tomar o seu café com leite quentinho e comer um pedaço de broa preparados carinhosamente por Dona Rosa, o pai de Beto veio buscá-lo para irem para a Escola.

Como o caminho era longo entre a fazenda e a escola, a qual ficava na cidade, os dois – Seu Chico e Beto – precisavam ir a cavalo.



Seu Chico ia à garupa do cavalo e Beto ia montado no arreio, pois seu pai morria de medo que Beto caísse, e, sentados dessa forma, ele poderia segurar bem o filho.

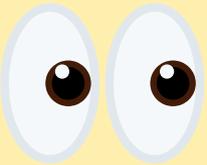


Quando Beto e seu pai chegaram na porta da escola, todos olharam curiosos para eles, e, olharam ainda mais para o cavalo.

Afinal, não era sempre que as outras crianças viam um cavalo assim, tão de pertinho.

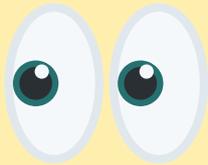
Seu Chico desceu, com muito cuidado, o seu filho Beto de cima do cavalo e perguntou a ele se estava bem, mas Beto nem ouviu de tanto que olhava para as outras crianças.





Beto reparou que todos agora olhavam mais curiosos para ele do que para o cavalo.

Sentiu um frio na barriga e sua mão começou a suar.



Então, apertou firme a mão de seu pai, que pareceu ter percebido seu medo e colocou-o no colo, dizendo:

_ Vamo lá, rapaz, ocê precisa de istudá, já tá cum sete ano. Ocê num qué levá uma vida braba que nem o seu pai leva, num é memo? Ocê vai é sê dotô na vida e pra isso tem de istudá muito, e dispois, aqui na iscola, ocê vai cunhecê muitos amiguinho da sua idade, vai brincá e num vai ficá só no meio deu mais de sua mãe e do Véio Custódio, né memo? Eu vô ti levá até na sua sala e conhecê mió a sua professora.

Beto queria entrar, mas sentiu medo da forma como todos olhavam para ele.

Na porta da sala, seu pai o apresentou para a professora Sara, que era quem lecionava para o 1º Ano do Ensino Fundamental e, portanto, iria dar aula para Beto.

Dona Sara olhou para Beto assustada e disse a Seu Chico que não tinha sido avisada que teria que dar aula para um menino deficiente como Beto e não sabia como fazer, pois, durante os seus quinze anos de magistério, nesse tempo todo que dava aula, nunca tinha passado por nada parecido.



Eh, pessoal! Estava esquecendo de contar que Beto nasceu sem uma perninha e que no começo foi muito difícil para Dona Sara e Seu Chico aceitarem esse fato, mas, com o tempo, eles viram que Beto era um menino como os outros: esperto e inteligente. Apenas um pouquinho diferente fisicamente das outras crianças e nada mais.

Seu Chico disse para Dona Sara que não precisava se preocupar porque Beto era muito esperto. Ele tinha uma cabeça muito boa e aprendia as coisas com facilidade, apenas não poderia fazer algumas atividades que as outras crianças faziam, como, por exemplo: brincar de futebol.

Beto percebeu que Dona Sara não tinha gostado nem um pouco de sua presença na turma e que as outras crianças da sala não paravam de olhar para ele.

Sentiu a barriga esfriar mais ainda.

Por que todo mundo olhava com aquela cara de quem tinha visto um bicho ali, na porta da sala?





Uma lágrima esquentou seu rosto e seu pai lhe disse que não precisava ficar com medo, pois Dona Sara iria cuidar bem dele, assim como ela cuidava das outras crianças.

Seu Chico ainda correu até lá fora onde estava o cavalo e buscou uma muleta e entregou a Beto para que a usasse, caso fosse preciso.



Beto não entendia como Dona Sara cuidaria bem dele se estava na cara dela que não tinha gostado nem um pouco de sua presença na sala de aula.

Ele tinha visto, lá na fazenda em que morava, que quando um bicho não gostava do outro, eles brigavam, ou nem passavam perto um do outro.



Beto apertou ainda mais forte a mão de seu pai. Seu Chico disse:

_ Dá a mão pra professora que agora eu tenho de ir embora. Mais ocê sabe que na hora do armoço eu vorto pra ti buscá, né memo?

E foi saindo sem olhar para trás, pois ele também não tinha vontade de ir embora, mas era preciso.

Dona Sara puxou-o para dentro de sala e o apresentou para os outros:

_ Esse menino aqui é ... É... Deficiente, diferente de vocês um pouco, e, até eu saber o que fazer com esse aluno, ele vai ficar aqui na nossa sala. Mas eu vou tentar arranjar uma vaga para ele na APAE, que é uma escola própria para crianças como ele.

Beto nunca tinha ouvido falar nessa tal de APAE, nem sabia que havia dois tipos de escola. Também não entendeu porque não podia ficar ali como as outras crianças.

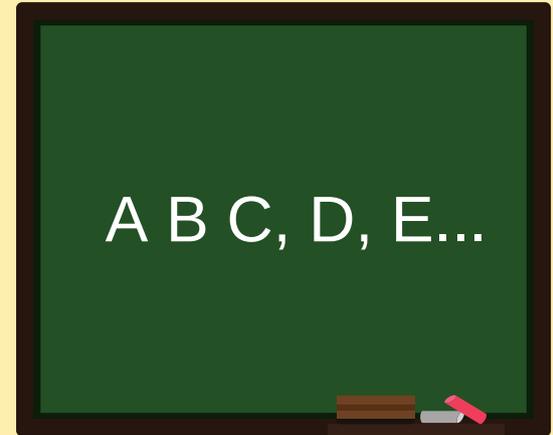


Dona Sara arredou uma carteira para Beto se sentar, bem distante das outras crianças, dizendo aos alunos que era para tomarem muito cuidado e não esbarrarem nele.

A aula começou e as crianças ainda não tinham deixado de reparar em Beto e, por esse motivo, Dona Sara chamou a atenção dos alunos, dizendo que era para olharem para ela ou não aprenderiam nada.

Beto sentiu seu rosto queimar de vergonha por isso.

A professora ficou lá na frente falando num tal de alfabeto: em letras A, B, E... Beto não se lembrava o nome das outras que ela tinha falado, mas a maior parte das outras crianças cantavam bem alto o nome de toda aquela fila enorme das tais letras. Ele se sentia envergonhado por não saber falar tão bonito os nomes daquele montão de letras.



Dona Sara perguntou a Beto se ele nunca tinha estudado antes. Beto só balançou a cabeça, indicando que não. Ela, então, comentou:

_ E mais essa agora, além de ser deficiente ainda não sabe sequer o alfabeto. Era só o que me faltava...



Beto sentiu vontade de chorar, mas achou feio chorar dentro de sala e se conteve.

Ele não entendia porque deveria saber o tal alfabeto, afinal, ele não estava na escola e a escola não servia para isto: para ensinar a ler e escrever e muitas outras coisas como seu pai mesmo lhe dizia?



Por que Dona Sara ficou tão nervosa em saber que ele não sabia o alfabeto?

Na hora do recreio, tocou uma sirene muito alta e todos se levantaram para ir com a professora Sara para um lugar grande chamado pátio. Beto ficou olhando as outras crianças saírem e não entendeu por que todos estavam saindo só por causa de um barulho que vinha lá de fora.



Beto resolveu se levantar e acompanhar a professora como todos faziam, mas Dona Sara o impediu, dizendo que ele deveria ficar quieto na sala, pois o pátio era lá embaixo e havia uma escada para descer e não gostaria de que ele se machucasse para causar ainda mais dor de cabeça.



_ Fique quieto aqui na sala, vou mandar algum aluno trazer a merenda para você. - Disse ela.

Beto sentiu vontade de chorar novamente, mas depois que todos saíram, ele até se sentiu melhor. Pelo menos agora ninguém o estava reparando.



Olhava o quadro cheio de letras feitas por Dona Sara. Como ele desejou conhecer cada uma delas pelo nome, assim como as outras crianças na sala! Pegou o caderno que seu pai tinha lhe comprado e, com o lápis, tentou desenhar letras iguais às que a professora tinha feito no quadro.



Inútil, seus dedos não conseguiam fazer tantas curvas como os de Dona Sara.

De repente, levou um susto quando um menino veio com um prato de comida e lhe entregou, dizendo:

— Dona Sara disse que é para você comer sem aprontar bagunça e que também pode deixar o prato em cima da mesa que depois ela pega.

Deu o recado e saiu correndo.

Beto comeu toda a comida, estava bem gostosa. Sentiu vontade de comer mais, no entanto, pensou que não pudesse repetir. Já estava surpreso de ganhar aquele prato, além do mais, pedir pra quem? Ele estava sozinho.



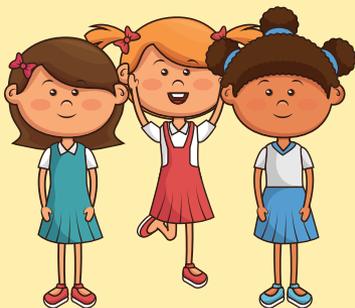
Sentiu curiosidade de saber de onde vinha toda aquela zoeira e resolveu chegar à janela para dar uma olhadinha. Então, pulou até a janela e ficou surpreso em ver tantas crianças correndo lá embaixo.

Gostaria de estar lá, no meio delas.

Mas logo se lembrou do que a professora disse sobre a escada e desistiu.

Não tinha medo de cair, pois lá na fazenda ele andava pra tudo quanto era lado, saltitando. Só usava a muleta quando tinha que descer um morro, para não escorregar, mas ali na escola, a professora disse que ele não poderia andar.

Também se lembrou que, se fosse lá embaixo, certamente todos olhariam demais para ele, e acabaria tendo vontade de chorar novamente.



De repente, o mesmo barulhão feito antes da merenda repetiu-se e, daí a pouco, todos voltaram para a sala. Quando chegaram, Beto já estava sentando em seu lugar. E ninguém percebeu que ele esteve na janela os olhando brincar. Todos estavam suados.

Mais uma vez, todos o repararam e, novamente, Dona Sara chamou a atenção da turma para que olhasse para o quadro. Em seguida, Dona Sara fez, no quadro, as tais letras e todos copiaram. Somente Beto que não conseguia.

Antes da aula acabar, Dona Sara pegou o caderno de Beto, saltou a folha em que ele tentou imitá-la nas letras e escreveu uma coisa.

Depois, ela disse que aquele era o nome dele: Roberto. E que era para ele tentar copiá-lo em casa.

Beto nem se lembrava que seu nome verdadeiro era Roberto, pois todos sempre o chamavam de Beto.



Qual não foi sua alegria quando ouviu a conversa de seu pai lá fora... Foi, então, que tocou aquela sirene mais uma vez e todas as crianças começaram a arrumar suas pastas, juntando todo o material para guardar.

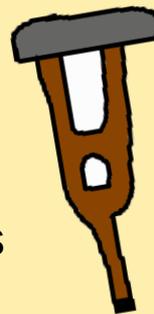
Beto entendeu que aquela devia ser a hora de ir embora e sentiu uma enorme alegria por isso.

Embora quisesse ir logo para a casa, Beto ficou fazendo hora em sua mesa, pois queria que os colegas saíssem antes. Não gostaria de que, lá fora, todos ficassem olhando para ele...



Dona Sara perguntou se estava tudo bem e disse-lhe que poderia ir embora; também perguntou se era capaz de ir sozinho lá para fora aguardar seu pai.

Beto balançou a cabeça, fazendo sinal que sim. Pegou sua muleta e sua pastinha e foi-se embora. Porém, reparou antes de sair da sala que até mesmo Dona Sara não parava de olhar para ele com uma cara muito espantada.



Lá fora, seu pai o esperava a cavalo. Algumas pessoas ficaram olhando para Beto enquanto Seu Chico o montava no cavalo. Depois, os dois foram embora para a casa.

Na fazenda, Dona Rosa, mãe de Beto, mexia no quintal, mas esperava ansiosa pelo marido e pelo filho, a fim de saber como tinham sido as coisas na escola.

Quando chegaram, o menino tomou a bênção à sua mãe e logo ela foi perguntando o que Beto tinha achado da Escola, se tinha feito algum amiguinho, como era a professora, o que tinha aprendido...

Beto disse que não tinha gostado nadinha da tal escola porque todos lá ficaram reparando-o e que não tinha feito nenhum amigo, pois ninguém havia sequer chegado perto dele, a não ser o menino que lhe levou a merenda, mesmo assim, mal deu o recado da professora e saiu correndo.



Os olhos de Dona Rosa se encheram d'água, mas ela não chorou. Não podia desanimar ainda mais seu filho.

Dona Rosa explicou para Beto que as pessoas estranharam sim o fato dele só ter uma perna, mas logo elas perceberiam que ele é um menino bom, esperto, inteligente, carinhoso e iriam querer ser amigo dele.

Beto disse que não queria mais ir à escola.



Seu pai, então, o colocou no colo e disse-lhe que o primeiro dia de aula deveria ser difícil para todo mundo mesmo. Ele só não tinha certeza porque nunca tinha estudado, mas que já ouviu sua esposa contar uma vez que sentiu muito medo quando, há muitos anos, ela foi para a escola pela primeira vez. Dona Rosa, que tinha estudado somente até a 3ª Série do grupo, confirmou para Beto o que o Seu Chico falou, dizendo que ela mesma chorou muito no primeiro dia, mas que depois tudo ficou bem. E que foi uma pena ter tido que sair da escola tão novinha, mal tinha aprendido a ler, escrever e fazer conta, mas precisava ajudar o pai dela, avô de Beto, na roça e por isso não pode continuar estudando.



Beto ficou um pouco mais animado e pensou que, se até sua mãe tinha chorado, então todo o seu medo era normal e que no outro dia tudo ficaria melhor.

Pensou até que tudo fosse uma mágica de Deus, o medo vinha e logo Deus dizia para ele passar e passava, e aí a gente começava a gostar das coisas.

Depois do almoço, Beto foi para o quintal brincar com seus bichinhos. Estava com saudades, afinal nunca tinha ficado longe deles.

Lembrou-se das letras do alfabeto e ficou tentando, com um pauzinho, fazer algumas delas no chão. Chegou até mesmo a imitar Dona Sara dando aula, e ficava dizendo para o cachorro responder, para a gata Ximbica olhar para o quadro e para a Filomena, a coelha, colorir com cuidado e não pintar o cabelo do boneco de verde, pois não havia nenhum marciano ali.

Ele sequer sabia o que era um marciano, mesmo assim, brincava de chamar a atenção da coelha.

No fundo, Beto invejava as outras crianças que sabiam cantar o nome das letras. Que beleza! Um montão delas e todos as chamavam pelos nomes, menos ele.



De tarde, pediu à mãe para ajudá-lo a fazer o nome dele, pois a professora o havia escrito no caderno, mandando que o levasse pronto no dia seguinte.

Dona Rosa se sentou à mesa com ele e os dois começaram. Ela mostrava a Beto como ele precisava fazer com o lápis e Beto tentava. Depois, apontava para as letras do nome – Roberto. Começaram em um papel velho, tentaram muito.

Beto conseguiu fazer, com grande dificuldade, as letras T – O – E. As outras, tentaram, tentaram, tentaram, mas não deu. Beto ficou triste por não conseguir, mas Dona Rosa disse para ele que estava ótimo, afinal, aquele era o primeiro dia e que, com o tempo, ele aprenderia todas as letras e que ficaria, ainda, com a letra bem bonita também.

T O E



No outro dia, Beto foi todo animado para a escola com seu caderno e suas três letrinhas feitas.

Infelizmente, todos ainda olharam, ou melhor, o repararam muito e logo ele se arrependeu de ter voltado para a escola. Contudo, lembrou o que sua mãe disse a respeito das pessoas estranharem o fato dele ter apenas uma perna e tentou não ligar tanto, o que era bem difícil.



Na sala, Dona Sara veio ver seu caderno e não gostou do que viu: Beto não tinha conseguido fazer todo o nome.

_ Somente estas três letras, senhor Roberto, todos aqui na sala já fazem o nome e, se você não ficar esperto, vai ficar para trás. E completou:

_ Também, não sei se você vai ficar aqui nesta sala, pois você deveria ter ido para a APAE. Lá sim é que é escola para crianças como você.

Beto sentiu vergonha de novo, um pouco por não ter conseguido copiar o nome todo, embora ele tivesse se esforçado bastante, e um pouco por estar naquela sala, já que Dona Sara insistia em dizer que ali não era lugar para ele.

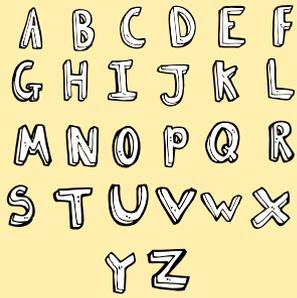
Mais uma vez, ninguém conversou com Beto. Também pudera, a professora tinha colocado todas as mesas tão distantes da sua a fim de não esbarrarem nele que dificilmente alguém chegaria perto do menino.

Depois da aula, quando chegou em casa, Beto disse para sua mãe que não adiantava: ninguém gostava dele lá na escola e que Dona Sara tinha xingado porque ele não tinha feito todo o nome.

Dona Rosa e Seu Chico conversaram muito com ele, tentaram animá-lo, mas ele não queria saber dessa tal de escola. Na verdade, Seu Chico e Dona Rosa também estavam desanimados, só não deixavam que Beto percebesse para não piorar a situação.



À tardinha, Dona Rosa sentou-se com Beto à mesa, arranhou um montão de papel de embrulho e começaram a tentar escrever o nome. Dona Rosa ensinava, mostrava e ele tentava fazer igual. Quase conseguiram. Mas Beto se cansou de tentar e disse que não queria mais escrever. E saiu emburrado lá para fora para brincar com o cachorro Duque.



Foi quando encontrou um pedaço de carvão e ficou riscando com ele os pés de laranja. Qual não foi sua surpresa e alegria ao perceber que tinha conseguido fazer a tal da letra R. A danada que faltava aprender a escrever em seu nome. Saiu rabiscando e escrevendo em tudo que encontrou pela frente, até na beirada da casa ele escreveu.

Depois do jantar, ele pediu à mãe para lhe ensinar mais um pouco. Desta vez sim, com a letra meio desconcertada é verdade, o nome tinha saído todinho:

ROBERTO

No outro dia, como queria mostrar para Dona Sara que tinha conseguido copiar o nome, resolveu ir à aula.



Antes, seu pai apanhou um saco cheio de mangas maduras para levar para os outros meninos da escola, pensando com isso que quem sabe eles tratariam seu filho Beto um pouco melhor.

Todos na turma ficaram com água na boca ao verem as mangas trazidas pelo pai de Beto, mas Dona Sara disse que só poderiam chupá-las na hora do recreio.

No meio da aula, um aluno veio apontar o lápis e aproveitou para passar pela carteira de Beto e perguntar onde seu pai tinha conseguido tantas mangas.

Beto achou estranho, pois era a primeira vez que alguém da sala conversava com ele. Respondeu que eram de sua casa e que lá tinha muitas mangas. Eram tantas que estavam até perdendo, pois não tinha quem as chupasse.



Dona Sara escutou o zum... zum... zum na sala e mandou o Carlinhos se sentar. Esse era o nome do menino: Carlinhos.



Na hora do recreio, foi aquela festa: todos chupavam as mangas trazidas por Seu Chico. Desta vez, Dona Sara deixou que Beto descesse para o pátio para chupar manga juntamente com as outras crianças.

As crianças ainda reparavam em Beto, mas agora estavam mais preocupadas era mesmo com as mangas cheirosas e maduras. Alguns alunos comentavam que nunca tinham visto tanta manga e Beto, timidamente, falava que em casa, na fazenda, tinha muitas mais. O Carlinhos, então, perguntou:

_ Lá na sua casa tem mais fruta sem ser manga, Roberto?

E Beto respondia:

_ Tem sim. Lá tem pé de jabuticaba, ameixa, laranja, mexerica, banana, abacate, lima, caqui e até abacaxi e uva.

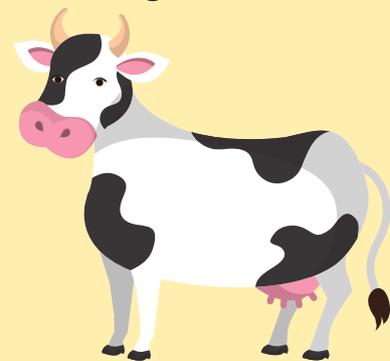
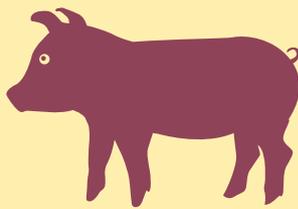


_ Hummmm! Que delícia que deve ser morar lá, hein? - Falou o Ricardo, outro aluno da sala.

Beto respondia:

_ É sim, é muito bom. E lá tem muitos bichos, como: marreco, pato, galinha, porco, vaca, bezerro, boi, pintinho, cachorro, gato e coelho.

_ Nossa! Que tantão de coisa que tem na sua casa, Roberto! Mas você pode brincar com os bichos ou você fica deitado na cama por causa da sua perna? - Perguntou Yasmim.





_ Não, eu não fico deitado. Eu só deito para dormir. Durante o dia, eu fico brincando com meu cachorro chamado Duque, com a Ximbica, minha gatinha e com a Filomena, minha coelhinha. Ou então, fico vendo meu pai e o Seu Custódio tirarem leite, capinar e plantar; às vezes, eu trato das galinhas, dos porcos e dos outros bichos.

- Respondeu Beto.

_ Pôxa. Roberto! Você faz tudo isso só com uma perna? - Perguntou a Vanessa.

_ É claro, meu pai disse que eu nem pareço ter uma perna só de tão esperto e, além do mais, eu já estou acostumado.



_ Sendo assim, Roberto, você pode ficar aqui no pátio com a gente brincando, não precisa ficar sozinho lá na sala na hora do recreio, não é mesmo? -Falou o Lucas.



_ É, mas a Dona Sara é quem me manda ficar lá, então eu fico.



Na hora que bateu o sinal do recreio, todos estavam com a boca lambuzada de manga e Dona Sara mandou todo mundo para o banheiro lavar o rosto e as mãos.

Beto também foi. Ela ainda não tinha ido ao banheiro da escola. Achou engraçado aquilo: um banheirão, cheio de banheirinhos e um montão de pias para lavar as mãos. Todos lavaram as mãos. O Carlinhos mais o Ricardo esperaram pelo Beto para irem juntos para a sala.

Beto sentiu uma grande alegria por isso. Pela primeira vez, desde que entrou na escola, pensou que aquele lugar chamado escola era gostoso.

No caminho para a sala, o Carlinhos perguntou para o Beto se a perna doía. Beto lhe respondeu que não. Era normal, ele não sentia nada.



Ao chegar em casa e contar para a mãe que os meninos da sala tinham conversado com ele e perguntado um monte de coisas sobre a fazenda, sobre a perna e etc., sua mãe se encheu de felicidade e agradeceu a Deus por essa bênção.



Também contou que Dona Sara disse que o nome estava bom, era só treinar mais e que agora ela tinha lhe dado uma tal de ficha com todas as letras para ele tentar fazer.

Beto pediu à sua mãe que o ensinasse o nome de todas as letras que ele não sabia porque ele queria muitíssimo cantá-las na aula juntamente com os outros colegas de sala.

Seu Chico também ficou bem contente com a alegria e animação do filho.



Mais alguns dias de aula e, aos poucos, todas as crianças iam se acostumando com a presença de Beto e cada vez lhe perguntavam mais e mais sobre a fazenda. Algumas crianças nunca tinham visto uma fazenda ou alguns dos animais e frutas que Beto contava.

Até mesmo Dona Sara começou a perceber que Beto era muito esperto e aprendia as coisas com certa facilidade.

Rapidamente, ele aprendeu, com a ajuda da mãe, em casa, todas as letras do alfabeto e o nome também. A grande alegria de Beto era conseguir acompanhar a turma na hora da leitura das letras do alfabeto.

Para dizer a verdade, ele imaginava que quem as tinha inventado era um homem muito inteligente chamado Beto e que morava numa cidade chamada Alfa. Daí o nome: **Alfa + Beto = Alfabeto.**



Nunca contara isso para ninguém, pois imaginava que aquele era o seu segredo supersecreto. Apenas explicava a respeito para o Duque, a Ximbica e a Filomena, durante as aulas que ele brincava de dar lá na fazenda.

Um dia, Beto chegou em casa e perguntou para seu pai se poderia chamar seus colegas de sala para virem conhecer a fazenda.

Seu Chico disse que estava tudo bem, mas que não dava para trazer um por um a cavalo. Era preciso um ônibus, pois eram muitos alunos e que também a professora teria que vir com a turma para ajudar a olhar os meninos. A diretora teria que liberar e os pais das crianças também precisavam autorizar.



Então, um dia, durante a aula, Beto perguntou à professora se ela gostaria de levar a turma para conhecer sua casa lá na roça, ver os bichos e chupar muitas frutas apanhadas no pé. Antes que Dona Sara respondesse, foi aquele alvoroço dentro da sala. Os meninos ficaram maluquinhos com a ideia.



Um disse:
_ Eu quero ver o boi.



O outro:
_ E eu quero ver como é esse tal de marreco.

_ Quero ver como é pé de abacaxi. - Dizia mais um.

_ Eu quero brincar com sua coelhinha.

_ E a gata Filomena, eu é que vou carregar.



_ Eu quero ver como é que tira leite, e como a galinha botá ovo.

A professora não teve outro jeito a não ser dizer que iria pedir para a diretora.

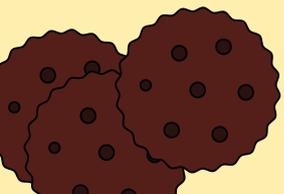
Todos os dias, os alunos perguntavam para a professora que dia eles iriam até a fazenda de Beto. A essa altura, até mesmo ela já o chamava pelo apelido.

Depois de um tempo, Dona Sara disse que a diretora autorizou o passeio e que já havia arranjado um ônibus para levar a todos, e que a viagem seria dali a três dias.

Pôxa vida! Foi tanta alegria em sala! O barulho foi tamanho que Dona Sara ameaçou suspender o passeio caso aquela bagunça continuasse.

É claro que todos calaram imediatamente, pois ninguém queria perder aquele passeio.

E para contar os dias que faltavam, cada um inventou um método diferente: a Manuela, por exemplo, guardou um biscoitinho todo dia até inteirar três; o Carlinhos fez três aviõezinhos e a cada dia solta um e por aí vai...





Chegado o dia da visita, Beto não foi à escola para esperar pelos colegas na estrada da fazenda.

Em casa, sua mãe cozinhou espigas de milho para todos, preparou uma bela broa de fubá com queijo por cima, fez bolinho doce e cuscuz. Sem contar os docinhos de leite, de cidra e de abóbora que havia preparado à véspera.

Ela sabia o quanto aquele dia era importante para o Beto, e, é claro, também para todos da fazenda, já que amavam muito o menino Beto.

Foi aquela alegria quando o ônibus chegou. A criançada ficou maluca em ver tantos bichos e também tantos pés de frutas.

Junto com Dona Sara, algumas mães de alunos foram para ajudar a tomar conta da garotada.





Depois de tomarem aquele café da manhã reforçado, todos foram com Seu Chico, o velho Custódio e, é claro, com o Beto para conhecerem toda a fazenda.

A fazenda não era rica, mas tinha um pouquinho de cada coisa. Seu Chico sempre foi muito caprichoso, gostava de tudo arrumadinho. Tudo muito simples, porém, bem organizado. Algumas mulheres ficaram na casa ajudando a preparar o almoço, afinal era um almoço bem grande, com muita comida como era tradição na fazenda.



As crianças brincavam de escorregar pela grama, subiam nas árvores, balançavam na gangorra de Beto, apanhavam frutas para comerem, brincavam com os animais, enfim, faziam tudo que tinham vontade.



Aquele passeio foi a sensação da escola. Todos adoraram! É certo que Dona Sara, ao ver a destreza com que Beto andava na fazenda e mostrava tudo a todos, percebeu que não tinha sentido ficar com medo de deixá-lo brincar na escola, pois o risco que Beto corria era o mesmo de qualquer outra criança da classe.

Também percebeu que em todas as árvores da fazenda havia traços do nome feitos por Beto.

As crianças aprenderam a tratá-lo normalmente. Ele já não se sentava mais isolado na sala e sim ao lado do Carlinhos, que era o amigo que ele mais gostava. No entanto, ele se dava bem com todos da classe.

Dona Sara aprendeu que Beto não era uma criança deficiente como imaginou a princípio, e sim que ele era uma criança especial – muito especial mesmo.



Fim!!!





Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-5464-020-0



9 788554 640200